

**16º****COLÓQUIO
DE MODA****EDIÇÃO ONLINE**

DE 09/09 A 13/10 DE 2021


UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE O CORPO DE SARAH BAARTMAN

SANTOS, Maria do Carmo Paulino dos; Doutoranda; Universidade de São Paulo;
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mducarmow@gmail.com¹

RESUMO

Um padrão de beleza que permeia às passarelas da moda nacional e internacional, é o da mulher branca de pele alva, corpo magro, pernas alongadas, nariz e boca finas, cabelos lisos e de preferência loiros. Esse biotipo sempre se manteve como o perfil de beleza ideal para estampar capas de revistas e editoriais de modas. Bem como, a vinculação deste padrão de beleza nos rótulos de cosméticos e em propagandas de marcas de modas, entre outros produtos e segmentos. Este, é um padrão de beleza eurocêntrico, que a moda brasileira assimilou, importou e referendou como sendo um ‘belo’ padrão de beleza para estampar o rosto do Brasil. Em um país com tanta diversidade cultural como o Brasil, crianças, jovens e adultos -- negros, pardos e indígenas --, não se viam e ainda não se veem representados na moda, nem na mídia, nem na televisão. Esse fato é decorrente do processo colonização do Brasil pelos europeus que escravizou negros e indígenas. Criando estruturas hierárquicas e hegemônicas, que segundo Silvio Almeida (2018), é denominado de racismo estrutural por criar processos de inferiorização, exclusão e estigmatização de povo baseado na cor da pele e na etnia racial. Desde a colonização do continente africano no século XVI, com a exploração do tráfico negreiro pelo oceano Atlântico, negros e indígenas são tratados como seres não-humanos, mercadoria e moeda de troca. As mulheres, negras e indígenas, segundo a africana Oyèronkè Oyèwúmi (2021) sofreram dupla exploração colonial pela questão de gênero e da raça. Essa competência

¹Doutoranda em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; e em Design no PPG-Design da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Mestra em Ciências no PPG - Têxtil e Moda da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Especialista em Desenho de Moda e Criação (FASM) e em Docência no Ensino Superior (Estácio de Sá). Bacharel em Desenho Industrial (UnG) e Licenciada em Pedagogia (São Camilo). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6013-2812> | Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1144295437540346>





16º

COLÓQUIO
DE MODA

EDIÇÃO ONLINE
DE 09/09 A 13/10 DE 2021

modal sobre o corpo da mulher negra: coisificado, erotizado, fetichizado, sexualizado, emerge de acordo com Stuart Hall (2009), devido ao processo de escravização dos corpos negro e foi cerzido pela junção de “estranhamento, fetichismo e rejeição”. Em oposição ao padrão de beleza branco e eurocêntrico, objetiva-se semiotizar pelo viés da “sociosemiótica” (LANDOWSKI, 2014, 2004, 2002) o corpo negro de *Sarah Baartman* (1789 – 1815). Sarah era conhecida na África do Sul como *Saartjie Baartman*, pertencente aos povos *Khoikhoi*, nasceu nas proximidades do rio *Gamtoos*, onde se localiza hoje a província sul-africana de Cabo Oriental. A africana foi levada em 1810 do sul do continente africano para a Europa. Lá, foi usada como um ‘animal exótico’, ou seja, uma ‘pessoa não-humana’ pelos europeus e mesmo pós-morte o seu corpo continuou a ser (por quase 200 anos) objeto de exploração científica e financeira. Essa opressão sobre o corpo de *Baartman* ficou conhecido como “racismo científico” (AYEKO, 2018). O corpo de *Sarah* só foi devolvido para África do Sul em 2002, na presidência de Nelson Mandela, depois de uma longa negociação com o governo francês. Na contemporaneidade mulheres negras e indígenas passaram a reivindicar “representatividade” (HOOKS, 2013) na mídia, na moda, na literatura, entre outros espaços. E a valorização da estética negra e do cabelo crespo vem como estratégias políticas de se posicionar na sociedade por meio do “corpo vestido” (OLIVEIRA, 2021) exaltando a cultura afro-brasileira e, reverberando discursos e disputas de narrativas contra hegemônico “decoloniais” como visto em Aníbal Quijano (1928 – 2018), bem como, em: Boaventura de Souza Santos (2019), Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), Frantz Fanon (2005, 2008), Kabengele Munanga (1990, 2006, 2016), Nilma Lino Gomes (2012), em prol da visibilidade negra e indígena.

Palavras-chave: Mulheres Negras, Sarah Baartman, Corpo, Sociosemiótica.

